

ANGEL RAHIMI

— Estou literalmente a morrer — digo, pousando a mão no coração.
— Tu existes mesmo.

A Juliet, tendo acabado de se livrar do meu abraço, está a sorrir tanto que parece prestes a ficar com a cara rasgada ao meio.

— E tu também! — diz ela, e aponta para o meu corpo. — Isto é tão estranho. Mas fixe.

Teoricamente, não devia ser estranho. Já falo com a Juliet Schwartz há dois anos. Só na internet, sim, mas hoje em dia as amizades na internet não são assim tão diferentes das amizades reais, e a Juliet sabe mais sobre mim do que os meus amigos mais próximos da escola.

— És um ser físico — digo eu. — Não apenas alguns pixéis num ecrã.

Sei praticamente tudo sobre a Juliet. Sei que ela nunca adormece antes das duas da manhã e que, em *fanfic*, o tema preferido dela é inimigos-a-amantes e que, secretamente, ela é fã de Ariana Grande. Sei que o mais provável é que há de chegar a adulta e tornar-se aquele tipo de mulher de meia-idade que bebe vinho e chama «querido» a toda a gente, e parece sempre que nos está a lançar um mau-olhado. Mas eu ainda não estava preparada para a voz dela (mais chique e mais profunda do que parece no Skype) nem para o cabelo (ela é mesmo ruiva, como sempre disse, mesmo que o cabelo pareça castanho na câmara) nem para o tamanho dela (é um bom palmo mais baixa do que eu. Tenho um metro e oitenta, pelo que já devia estar preparada, para dizer a verdade.)

Ela ajeita a franja e eu componho o meu hijabe e seguimos para a saída da estação de St. Pancras. Mantemos o silêncio por um momento e sinto uma súbita onda de nervosismo, o que é um pouco irracional, já

que eu e a Juliet somos praticamente almas gémeas — dois seres que se encontraram nas profundezas da internet contra todas as probabilidades e, de repente, passámos a ser uma dupla.

Ela é a romântica perspicaz. Eu sou a excêntrica com as teorias da conspiração. E vivemos ambas para os The Ark, a melhor banda da história do mundo.

— Vais ter de me dizer para onde é que estamos a ir — digo eu com um sorriso. — Não tenho a mínima noção de direção. Às vezes, percorro-me no caminho para a escola.

Ela ri-se. Outro som novo. É mais limpo e nítido do que no Skype.

— Bem, tu é que estás de visita; como tal, acho que sou eu quem tem de se preocupar com isso.

— *Okay, tens razão.* — Deixo escapar um suspiro exagerado. — Acho mesmo que esta vai ser a melhor semana de toda a minha vida.

— Oh, meu Deus, eu *sei*, não é? Já estou em contagem decrescente. — Ela pega no telemóvel, o ecrã ilumina-se e ela mostra-me uma contagem decrescente que diz «faltam 3 dias».

Começo a falar como uma tonta:

— Tenho estado, tipo, a passar-me. Nem sei o que vou vestir. E nem sequer sei o que vou *dizer*.

A Juliet ajeita a franja outra vez, o que me faz sentir que ela sabe exatamente o que está a fazer.

— Não te preocupes com isso, temos hoje, amanhã e quarta-feira para preparar um plano. Vou fazer uma lista.

— Ah, minha, vais *mesmo*, não vais?

Nenhuma de nós tem amigos na vida real que gostem dos The Ark, mas também não importa, porque nos temos uma à outra. Eu costumava tentar que os outros falassem sobre os The Ark comigo — os meus amigos da escola, os meus pais, o meu irmão mais velho —, mas ninguém estava interessado. Eles geralmente achavam-me uma chata, porque, quando começo a falar dos The Ark, ou de qualquer coisa, para dizer a verdade, tenho alguma dificuldade em parar.

Mas a Juliet não. Já passámos horas e horas a falar sobre os The Ark e nenhuma de nós fica cansada, irritada ou farta da outra.

E esta é a primeira vez que nos encontramos.

Sáimos da estação ao encontro do ar livre. Está a chover torrencialmente. Montes de gente. Nunca estive em Londres.

— Esta chuva é tão irritante — diz ela, franzindo o nariz. Solta o braço do meu para poder abrir um guarda-chuva, um daqueles de plástico todos chiques.

— É verdade — digo eu, mas é mentira, porque não me importo com a chuva. Mesmo quando é um aguaceiro absurdo em agosto, como este.

A Juliet continua em frente sem mim. Estou ali parada, uma mão pousada na mochila, a outra enfiada no bolso. Há gente a fumar diante da estação e eu respiro fundo. Adoro o cheiro do fumo de cigarro. Será uma coisa má?

Esta semana vai ser a melhor da minha vida.

Porque vou conhecer os The Ark.

E eles vão ficar a saber quem eu sou.

E, então, hei de ter algum valor.

— Angel? — chama-me a Juliet já a alguns metros. — Estás bem?

Viro-me para ela, desorientada, e é então que dou conta de que ela está a usar o meu nome da internet, e não o verdadeiro, que é Fereshteh. Uso Angel quando estou *online* desde os treze anos. Na altura, achei que parecia fixe e, não, não escolhi o nome de uma personagem de *Buffy, a Caçadora de Vampiros*. Fereshteh significa «anjo» em farsi.

Adoro o meu nome verdadeiro, mas agora parece que Angel faz parte de mim. Só não estou habituada a ouvi-lo na vida real.

Estendo os braços, sorrio e digo:

— Minha, estou só a viver.

Apesar dos nervos de um primeiro encontro, descobrimos que a vida real não é assim tão diferente da internet. A Juliet continua a ser calma e controlada e eu continuo a ser a pessoa mais ruidosa e irritante do mundo e fazemos o trajeto todo até à estação de metro a falar sobre o quanto estamos em pulgas porque vamos conhecer os The Ark.

— A minha mãe *passou-se* — digo-lhe quando já estamos sentadas numa carruagem do metro. — Ela sabe que adoro os The Ark, mas disse simplesmente que *não* quando eu lhe disse que vinha.

— O quê? Porquê?

— *Bem...* vou, tipo, baldar-me àquela cena do fim do secundário por causa disto.

Não é assim tão simples, mas não quero aborrecer a Juliet com os pormenores. Recebi os resultados dos exames na semana passada e consegui *à tangente* tirar as notas já bastante baixas de que precisava para entrar na minha primeira opção para a universidade. Os meus pais deram-me os parabéns, obviamente, mas sei que estão bastante chateados por eu não ter tido melhores resultados, como o meu irmão mais velho, Rostam, que nunca teve menos do que um A em todos os exames que fez na vida.

E então a minha mãe teve a grande lata de exigir que eu *não* fosse ao concerto dos The Ark, só para poder ir a uma inútil cerimónia de fim de escola, apertar a mão ao meu diretor de turma e dizer um adeus desajeitado a colegas que, provavelmente, nunca mais vou ver.

— É na quinta-feira de manhã — continuo. — No mesmo dia do concerto. A minha mãe e o meu pai queriam ir. — Encolho os ombros. — É uma estupidez. Tipo, não somos americanos: não *temos* essa cena do fim do secundário. A nossa escola só faz aquela cerimónia estúpida de despedida que é completamente inútil.

A Juliet franze a testa.

— Parece ser uma seca do pior.

— Seja como for, eu disse à minha mãe que nem pensar que ia àquela coisa em vez de ir ver os The Ark, mas ela continuava a dizer que não e tivemos uma discussão enorme com gritos e tudo, o que foi estranho, porque, tipo, nós nunca *discutimos*. Ela não parava de encontrar um monte de desculpas para eu não vir, tipo: «Ah, olha que Londres não é segura», «Eu nem conheço essa tua amiga», «Porque é que não podes ir noutra altura?», blá-blá-blá. No fim, eu tive simplesmente de me vir embora, porque é óbvio que não ia aceitar um não como resposta.

— Meu Deus — diz a Juliet, mas não me parece que ela esteja mesmo a perceber. — E sentes-te bem com isso?

— Sim, está tudo bem. A minha mãe simplesmente não entende. Quer dizer, tudo o que vamos fazer esta semana é ficar em casa, ver filmes, ir a um encontro de fãs e depois ir ao *meet-and-greet* e ao concerto

na quinta-feira. Não é propriamente uma cena perigosa. E aquela cena da escola é completamente inútil.

A Juliet pousa a mão dramaticamente no meu ombro.

— Os The Ark hão de saber dar valor ao teu sacrifício.

— Obrigada pelo teu apoio, camarada — digo num tom igualmente dramático.

Quando chegamos ao topo da escadaria da estação de Notting Hill Gate, o meu telemóvel vibra no bolso; como tal, tiro-o e olho para o ecrã.

Ah. Finalmente, o meu pai respondeu-me.

Pai

Vais ver que a mãe muda de ideias. Basta que dês notícias quando puderes. Eu sei que este evento escolar, em última análise, não é muito importante. A mãe só tem receio de que não faças boas escolhas. Mas entendemos que queres a tua independência e sabemos que só escolhes gente do bem para teus amigos. Tens dezoito anos e és uma rapariga forte e sensata. Eu sei que o mundo não é assim tão mau, embora a tua mãe não pense assim. Sabes, ela foi criada com valores diferentes dos meus, ela respeita a tradição e a carreira académica. Mas eu fiz a minha dose de disparates quando era mais novo. Tem de te ser permitido que vivas a tua vida, *inshallah*!! E tens de me dar assunto para eu escrever, sua chatinha!! Adoro-te xx

Bem, pelo menos, tenho-o do meu lado. O que costuma ser o caso. Acho que ele está sempre à espera de que eu me meta numa situação menos simpática para encontrar um tema para um dos romances que escreve e que ele próprio publica.

Mostro a mensagem à Juliet. Ela suspira.

— *O mundo não é assim tão mau.* Tão otimista.

— É, não é?

Vamos passar a semana em casa da avó da Juliet. A própria Juliet vive fora de Londres, mas sugeriu que seria mais fácil, para depois

irmos ao encontro de fãs e ao concerto, se ficássemos em Londres durante a semana. Não vi nada em contrário.

A casa fica em Notting Hill e a família da Juliet é rica. Percebi isto não muito tempo depois de nos tornarmos amigas, quando ela comprou mais de 500 libras em *merchandise* dos The Ark para ver se ganhava qualquer coisa num concurso de brindes e nem pestanejou quando perdeu. Ao longo dos meus muitos anos como fã dos The Ark, consegui poupar dinheiro suficiente para comprar uma camisola de capuz e um cartaz dos The Ark.

E, claro, um bilhete para os ver nesta quinta-feira na O2 Arena.

— Minha, isto é finório — digo quando passamos a porta e entramos num átrio. Tudo forrado a mosaicos. Tudo branco e com pinturas a sério nas paredes.

— Obrigada? — diz-me ela com uma ligeira entoação que dá a entender que não faz ideia do que mais poderia dizer. Faço quase sempre por não referir o quanto ela é mais rica do que eu, porque a situação seria desconfortável para ambas.

Descalço os sapatos e ela deixa-me largar a minha tralha no quarto onde vamos dormir. Há alguns outros onde eu poderia dormir — um quarto de hóspedes e um escritório —, mas metade da piada de ficar em casa de uma amiga está naquelas conversas profundas noite adentro, as duas enfiadas na cama com máscaras faciais, a comer *Pringles*, com uma comédia romântica medonha na televisão como pano de fundo. Certo?

Depois disto, sou apresentada à avó da Juliet, cujo nome é Dorothy. É uma senhora baixa, como a neta, e parece muito mais nova do que provavelmente é, com o cabelo pintado de loiro-claro e comprido. Está de botas de borracha de marca, sentada à mesa da cozinha a teclar num portátil, com uns óculos na ponta do nariz.

— Olá — diz ela com um sorriso caloroso. — Deves ser a Angel.

— Sim! Olá!

Okay, sim, chamarem-me Angel na vida real é estranho.

— Entusiasmada com o concerto de quinta-feira? — pergunta-me a Dorothy.

— *Entusiasmadíssima*.

— Acredito! — Ela fecha o portátil e levanta-se. — Bem, vou tentar não vos atrapalhar muito. De certeza que tu e a J têm imenso de que falar!

Garanto-lhe que não nos havia de atrapalhar em nada, mas mesmo assim ela sai, o que me faz sentir um pouco culpada. Nunca sei como me comportar perto de avós, já que os meus estão todos mortos ou no estrangeiro. Outra coisa da qual não falo com ninguém, nunca.

— ENTÃO! — exclamo, esfregando as mãos. — O que é que há que se coma?

A Juliet sacode o cabelo e bate sonoramente com as mãos na bancada da cozinha.

— É que nem fazes ideia — responde, alçando uma sobrancelha.

Dá-me então a conhecer toda a comida e bebida que comprou para esta semana — pizzas e J2O sendo os principais destaques —, antes de me perguntar o que me apetece agora, e eu opto por um clássico J2O de laranja e maracujá, porque me sinto como se precisasse de ter alguma coisa na mão. Detesto ter as mãos livres enquanto não estou a falar. O que é que fazemos com elas?

E então a Juliet diz outra coisa:

— Bem, se voltarmos a sair por volta das seis, acho que nos há de dar tempo suficiente para chegar lá.

Começo a raspar o rótulo da garrafa de J2O com a unha do polegar.

— Ah... e esse lá seria *onde*?

Ela fica imóvel, parada no lado oposto da bancada.

— Vamos apanhar... espera lá... eu não te falei nisto? — Encolho os ombros exageradamente. — O meu amigo Mac também vem — diz ela. — Ficar cá. Para ver os The Ark.

Começo imediatamente a entrar em pânico.

Não sei quem é este Mac. Nunca ouvi falar dele. Não me apetece nada estar nem sair com alguém que ainda não conheço. Não me apetece nada ter de fazer novos amigos quando esta semana devia ser dedicada à Juliet e aos The Ark. Fazer amigos é um esforço, tornar-me amiga do Mac há de ser um esforço, porque ele não me conhece, não está habituado à minha tagarelice incessante e à minha profunda paixão por uma *boysband* adolescente, e esta semana não tem nada que ver

com o Mac. Esta semana é para mim, para a Juliet e para os nossos meninos — os The Ark.

— Eu não te falei mesmo? — pergunta a Juliet, passando a mão pelo cabelo.

Parece estar bastante incomodada.

— Não... — respondo. Estou a ser malcriada. *Okay*. Acalma-te. Está tudo bem. Nenhum problema com o Mac. — Mas... está tudo bem! Mais amigos! Gosto de fazer novos amigos!

Ela leva as mãos à cara.

— Meu Deus, *desculpa*. Era capaz de jurar que te contei. Garanto-te que ele é muito, muito fixe. Falamos no Tumblr, tipo, todos os dias.

— Boa! — digo, assentindo com entusiasmo, mas a sentir-me culpada. Quero dizer-lhe que não me sinto nada bem com isto, e que não estava a contar com isto, e que, para ser sincera, provavelmente não teria vindo se soubesse que ia ter de passar a semana a socializar com um tipo qualquer que nem conheço. Mas não quero tornar a situação desagradável quando só estou aqui há dez minutos.

Vou ter de mentir.

Só esta semana.

Espero que Deus me perdoe. Ele sabe que tenho de estar aqui. Por causa dos The Ark.

— Então, saímos às seis, voltamos para comer pizzas, vemos um filme e os prémios começam às duas, certo? — pergunto, as palavras a saírem-me disparadas da boca.

São 17h17. Vamos fazer uma noitada para ver os West Coast Music Awards, que começam às duas da manhã, hora do Reino Unido. Os nossos meninos — ou seja, os The Ark — vão atuar. A primeira vez que aparecem em prémios americanos.

— Sim — confirma a Juliet, assentindo decididamente com a cabeça. Isto de assentir está a começar a perder o seu significado. Viro-me e começo a andar pela cozinha e a Juliet saca do telemóvel.

— Parece que os nossos meninos chegaram ao hotel! — diz ela, a olhar para o ecrã. Provavelmente para o @ArkUpdates no Twitter, a nossa fonte habitual para tudo o que esteja relacionado com os The Ark. Incrível que eu mesma não o tenha ido espreitar na última hora.

— Já há fotos?

— Apenas uma, desfocada, deles a sair do carro.

Debruço-me sobre o ombro dela e olho para a imagem. Lá estão eles. Os nossos meninos. Os *The Ark*. Manchas borradas e pixelizadas, parcialmente bloqueadas por guarda-costas enormes de fato escuro. O Rowan está à frente, o Jimmy no meio, o Lister atrás. Quase parecem siameses. Como os Beatles em Abbey Road ou um grupo de miudinhos de mãos dadas numa ida do jardim infantil ao parque.

JIMMY KAGA-RICCI

— Acorda, Jimjam.

O Rowan dá-me um pontapé na canela. Ele, o Lister e eu estamos todos no mesmo carro, o que é uma mudança agradável. Normalmente, temos de chegar a estes prémios separadamente e tenho de aguentar uma viagem de carro com um guarda-costas que está sempre a olhar para mim como se eu fosse uma carta rara de Pokémon.

— Estou acordado — digo.

— Não, não estás — diz ele, e então abana os dedos acima da cabeça.

— Tu estás é aqui em cima.

Tenho o Rowan Omondi sentado à minha frente, nas traseiras do nosso *Hummer*. Está uma brasa. Como sempre. Já usa o cabelo todo despenteado há uns meses, e os óculos — novos — são daqueles de aviador. O fato é vermelho com flores brancas e douradas — parecem chamas contra aquela pele castanho-escura. Os sapatos são *Christian Louboutin*.

Ele entrelaça os dedos sobre um joelho. Os anéis tilintam.

— Não é nada de novo. Já fizemos isto antes. O que é que está aí a zumbir? — Bate com um dedo na têmpora e olha para mim. O que é que está a zumbir. Adoro o Rowan. Usa as palavras como se as tivesse inventado. Provavelmente, é por isso que é o nosso letrista.

— Ansiedade — respondo. — Estou ansioso.

— Com quê?

Rio-me e abano a cabeça.

— As coisas não funcionam assim. Já falámos sobre isto.

— Sim, mas, tipo, tudo tem uma causa e efeito.

— A ansiedade é a causa e o efeito. Dois em um.

— Ah.

A cena da ansiedade não tem nada de novo. Por esta altura, já é praticamente o quarto membro da banda. Tenho tentado dar-lhe a volta na terapia, mas não tive tempo para muitas sessões este ano, por causa da digressão europeia e do novo álbum, e *ainda* não me acostumei à minha nova terapeuta. Ainda nem lhe falei do enorme ataque de pânico que tive no Children in Need no ano passado. Mas cantei na mesma. Está no YouTube. Quem vir com atenção, pode ver as marcas de lágrimas na minha cara.

Ficamos em silêncio. Consigo ouvir os gritos ao longe. Um pouco quase como uma maré. Devemos estar quase a chegar.

Estes meus sentimentos estranhos são provavelmente metade ansiedade e metade nervosismo genuíno por causa desta noite, além de todas as outras cenas que, tipo, receio constantemente. Tenho uma tendência para sentir um receio constante de tudo o que é cena, mesmo quando as «cenas» nem são terríveis. Atualmente, no topo da Lista de Cenas que o Jimmy Mais Receia, temos de *assinar o nosso novo contrato e regresso da digressão*, juntamente com *a presença desta noite nos West Coast Music Awards, também conhecida como a nossa primeira apresentação ao vivo nos EUA*. Não vai ser diferente das nossas apresentações normais em concerto, a não ser o facto de o nosso público ser constituído pelos maiores músicos do mundo e pessoal que nunca ouviu falar de nós, em vez de adolescentes que sabem todas as nossas letras de cor.

Está tudo a mudar e a acontecer e eu sinto-me animado e assustado, e o meu cérebro não sabe como lidar com isto tudo.

— Não sei como é que consegues ficar ansioso quando finalmente vamos atuar no Dolby — diz o Lister, que está literalmente aos pulos no lugar dele com um sorriso desvairado na cara. — Quer dizer, sinto-me como se me fosse cagar todo. Acho que é bem provável, para dizer a verdade. Estão avisados.

O Rowan torce o nariz.

— Podemos não falar de caca quando estou a usar *Burberry*, por favor?

— Se podemos falar de ansiedade, podemos falar de caca. São basicamente a mesma coisa.

O Allister Bird. Não me custa nada dizer que ele não bebeu nem fumou desde ontem — embora pareça que está prestes a explodir de excitação, está inconscientemente a cerrar os dentes e tem olheiras. A Cecily, nossa agente, impôs-lhe uma regra de nada-de-álcool-durante-cinco-horas antes dos eventos, depois do incidente no *The X Factor* Sobre o Qual Não Falamos, e ele não deve fumar nos dias em que vai cantar, embora normalmente o faça.

Mais ninguém dá por isso, todavia. Para todos os outros, ele é lindo, perfeito, impecável, etc. Tem aquele *look* de James Dean, modelo da *Calvin Klein*, acabei-de-sair-da-cama. Esta noite, está com um blusão de aviador *Louis Vuitton* e calças de ganga pretas justas e rasgadas.

Ele dá-me uma palmada nas costas só com um pouco de força a mais.

— Estás pelo menos um pouco animado com isto, certo? — pergunta-me ele com um sorriso.

É difícil não retribuir.

— Sim, estou um pouco animado.

— Boa. Agora, voltando ao tema importante: quais são as probabilidades de eu encontrar a Beyoncé e quais são as probabilidades de ela saber quem eu sou?

Olho pela janela do carro. O vidro é daqueles esfumados e Hollywood parece mais sombria do que devia, mas o bater demasiado rápido do meu coração é uma mistura indiscernível de ansiedade e excitação e sinto uma onda repentina de *não posso acreditar que estou aqui*. Acontece cada vez menos ultimamente, mas às vezes lembro-me do quanto a minha vida é estranha.

Do quanto isto é bom. Da sorte que tenho.

Olho de volta para o Rowan. Ele está a olhar para mim, com um ligeiro sorriso nos lábios.

— Estás a sorrir — diz-me ele.

— Cala a boca — digo eu, mas ele tem razão.

— Vocês deviam tentar divertir-se — diz a Cecily. Ela cruza as pernas e não tira os olhos do telemóvel enquanto fala. — Depois desta semana, as coisas vão ficar quinhentos por cento mais agitadas.

A Cecily, que está sentada à frente do Lister, é a única de nós que se parece com uma pessoa normal — está com um vestido azul, caracóis pretos todos puxados para o lado e tem uma daquelas fitas com a identificação ao pescoço. A única coisa aparentemente cara nela é o *iPhone* enorme que tem na mão.

A Cecily Wills é a nossa agente. É apenas dez anos mais velha do que nós, mas vai connosco a todos os lugares e diz-nos o que fazer, para onde vamos, onde ficar, com quem falar. Se não a tivéssemos, não faríamos literalmente ideia nenhuma do que estávamos a fazer, nunca.

O Rowan revira os olhos.

— Tão *dramática*.

— Apenas a manter o contacto com a realidade, querido. O novo contrato é muito diferente do atual. E vocês vão ter de se adaptar à vida pós-digressão.

O novo contrato. Vamos todos assinar um novo contrato com a nossa editora discográfica, Fort Records, assim que voltarmos da nossa digressão europeia no fim desta semana.

Isto vai implicar digressões mais compridas. Mais entrevistas. Patrocinadores maiores, produtos que dão mais nas vistas e, acima de tudo, vai implicar, *finalmente*, a entrada nos EUA. Tivemos há pouco tempo um *single* no *top-ten*, mas a ideia é assegurar um público a sério aqui, uma digressão pelos EUA, e talvez até fama mundial.

Que é o que queremos, obviamente. A nossa música espalhou-se pelo mundo e o nosso nome pelos livros de História. Mas não posso dizer que a ideia de *mais* entrevistas, *mais* participações especiais, *mais* digressões, *mais tudo*, esteja a deixar-me particularmente entusiasmado com o meu futuro.

— Temos de falar sobre isso agora? — murmuro.

A Cecily continua a digitar no seu telemóvel.

— Não, querido. Podemos voltar à caca e à ansiedade.

— Boa.

O Rowan suspira.

— Vê só o que fizeste. Agora, deixaste o Jimmy mal-humorado.

— Eu não estou mal-humorado...

O Lister abre a boca numa falsa expressão de choque.

— E a culpa é minha porquê?

— É de vocês os dois — responde o Rowan, apontando para ele e para a Cecily.

— Não é de nenhum de vocês — digo. — Sou só eu que estou com a mosca.

— Mas estás animado, certo? — pergunta o Lister outra vez.

— Sim! Juro que estou. E estou a ser sincero. Estou animado.

Só estou nervoso, assustado e ansioso também.

Estão os três a olhar para mim.

— Tipo, vamos apresentar-nos no Dolby! — acrescento, e dou por mim a sorrir outra vez.

O Rowan alça um pouco as sobrancelhas, com os braços cruzados, mas assente com a cabeça. O Lister larga um *whoop* bem sonoro e começa a abrir a janela antes de a Cecily lhe dar uma palmada na mão e voltar a fechá-la.

Os gritos vindos do exterior agora são bem agudos e o carro para. Sinto-me um pouco agoniado. Francamente, nem sei porque é que isto tudo me está a incomodar tanto hoje. Normalmente, estou bem. Com um pé atrás, sempre com um pé atrás, mas bem. Os gritos já não parecem uma maré. Para mim, parecem o barulho metálico de maquinaria pesada.

Tenho a certeza de que me vou divertir quando chegarmos lá.

Passo os dedos pelas clavículas, à procura do meu pequeno fio com a cruz. Peço a Deus que me acalme. Espero que Ele esteja a ouvir.

Estou todo vestido de preto, como sempre. Calças justas, botas Chelsea que estão a deixar-me com bolhas, um blusão de ganga bem largo e uma camisa que tenho de estar sempre a puxar porque sinto que me está a sufocar. E o pequeno alfinete com a bandeira transgénero que uso sempre nos eventos.

O Rowan desaperta o cinto de segurança, dá-me uma palmadinha na bochecha, aperta o nariz do Lister e diz:

— Toca a andar, rapazes.

As raparigas não são novidade. Estão sempre lá, algures, à nossa espera. E eu não me importo, a sério. Não posso dizer que entendo, mas,

de certa maneira, também as adoro, acho eu. Da mesma maneira que gosto de vídeos no Instagram com cachorrinhos aos tombos.

Sáimos do carro e uma mulher retoca-nos o cabelo e a maquilhagem e outra limpa-me o blusão com um daqueles rolos adesivos. Quase adoro a maneira como todos parecem sempre surgir do nada. Homens com câmaras enormes e com roupa de ganga. Guarda-costas carecas vestidos de preto. Toda a gente tem o raio de uma fita com a identificação ao pescoço.

O Rowan assume a sua Cara Séria. É hilariante. Uma espécie de beicinho, uma espécie de ar arrasador. Nunca se mostra muito sorridente à frente das câmaras.

O Lister, por outro lado, espalha sorrisos por toda a parte. Nunca parece infeliz nas fotos. Tem o oposto de uma cara de cabra em repouso.

Os gritos são ensurdecedores. A maioria está só a gritar «Lister». Ele vira-se e levanta a mão, e eu atrevo-me a olhar também.

As raparigas. As nossas meninas. Espalmadas contra uma cerca de arame, a agitar telemóveis, a espremerem-se umas às outras e a gritar porque estão tão felizes.

Levanto a mão e aceno, e elas gritam em retribuição. É assim que comunicamos.

Somos conduzidos pelos adultos que nos acompanham para todo o lado. Guarda-costas, maquilhadoras e mulheres com *walkie-talkies*. O Rowan vai no meio, o Lister avança um pouco à frente e eu fico para trás, dando por mim mais animado do que o habitual nestas cerimónias de prémios. Agora, são um pouco parecidas no Reino Unido, mas esta é a nossa primeira nos EUA, o que a torna algo especial. Este é o nosso primeiro passo rumo à indústria musical americana, ao sucesso mundial e a um *legado* musical.

Passámos de uma garagem degradada na zona rural do Kent para uma passadeira vermelha em Hollywood.

Olho para o sol da Califórnia e dou por mim a sorrir novamente.

As fotos são muito importantes, aparentemente. Como se já não existissem fotografias suficientes nossas de alta qualidade no mundo. A Cecily tentou explicar-me isto uma vez. Eles precisam de fotos de

alta qualidade atualizadas, disse ela. Precisam de fotos de alta qualidade do meu cabelo, agora que estou com os lados rapados. Precisam de fotos de alta qualidade do fato do Rowan, já que se trata de uma cena especial da qual as revistas de moda vão falar. Precisam de fotos de alta qualidade do Lister. Porque vendem.

Voltamos a juntar-nos para as fotos de imprensa. Ainda sinto que somos só nós os três aqui, às vezes, mesmo estando constantemente rodeados por outras pessoas — um enxame de adultos à nossa volta, mãos nas nossas costas que nos indicam onde ficar, antes de se afastarem a correr para que o fogo de artifício dos *flashes* das câmaras possa começar. Vejo o Lister e ele diz-me sem som «estou-me a cagar», antes de se virar e lançar um sorriso ofuscante para as câmaras.

Eu fico no meio, sempre, com as mãos juntas à frente do corpo. O Rowan, que é o mais alto, está à minha esquerda com uma mão no meu ombro. O Lister está à minha direita, com as mãos nos bolsos. Nunca discutimos isto. É apenas o que fazemos agora.

Os fotógrafos, assim como as raparigas, gritam principalmente pelo Lister.

O Lister detesta isto.

O Rowan acha hilariante.

Eu acho hilariante.

Mas ninguém, exceto nós os três, sabe isto.

— Para aqui!

— Para a direita!

— Pessoal!

— Lister!

— Aqui!

— Para a esquerda, agora!

E continua. Na verdade, não podemos fazer nada além de olhar para as luzes e esperar.

Por fim, um homem faz sinal para seguirmos em frente. Os fotógrafos continuam a gritar. São piores do que as raparigas porque fazem isto por dinheiro, não por amor.

Automaticamente, caminho perto do Rowan e ele vira-se para mim e diz:

— Pessoal animado esta noite, não?

— Califórnia, querido — digo eu.

— Não deixa de ser um mundo engraçado. — Ele estica os braços para endireitar as mangas. — E estou a suar imenso.

— Eu é que estou todo vestido de preto!

Os *flashes* da câmara refletem-se nos óculos dele.

— Tu, pelo menos, estás com meias. Acho que já consigo sentir o cheiro dos meus pés. — Ele mostra-me um pé. — Sapatos de couro sem meias são a porra dum desastre. Tenho um pântano de suor a alastrar ali em baixo.

Rio-me e continuamos a andar.

É aqui que está a maioria das raparigas. Uma longa faixa de passadeira vermelha estende-se diante de nós com as raparigas de cada lado, debruçadas sobre as barreiras, de telemóveis em punho. Eu costumava pensar que seria bom ter tempo para falar com cada uma delas.

O Lister mergulha de cabeça, avançando pelo lado esquerdo da passadeira e parando de vez em quando para se inclinar para mais uma *selfie* com uma delas. Elas agarram-lhe nos braços, no blusão, nas mãos. Ele sorri e segue em frente. Um guarda-costas paira alguns passos atrás.

O Rowan odeia as raparigas, odeia aquela maneira como elas gritam e o agarram e choram à frente dele e imploram que ele também as siga no Twitter. Mas ele não quer que elas o odeiem. Como tal, vai tirar algumas *selfies* também.

Eu já não estou para isto. Já nem me aproximo delas. Não me importo de acenar e sorrir, e sou grato, definitivamente grato por estarem aqui, a apoiar-nos e a adorar-nos, mas... elas metem-me medo.

Podem simplesmente estender a mão e fazer-me mal a qualquer momento. Alguém pode ter uma arma. Ninguém saberia de nada. Aparece alguém que seja mau e eu estou morto. E eu sou um grande alvo. Ser membro de uma das *boysbands* mais conhecidas e bem-sucedidas da Europa transforma-nos num grande alvo.

Manias minhas. Paranoia, receios e demasiado tempo a remoer, tudo espremido num cérebro minúsculo.

Resolvo andar devagar e aceno. Elas acenam também, sorriem, choram, tão felizes. Isto é bom. Elas estão a divertir-se imenso.

Perto do fim da passareira, já estamos todos juntos outra vez, nós os três numa fila ligeiramente espaçada. Às vezes, gostava que realmente pudéssemos dar as mãos. Nem que me dessem um bilião de libras eu queria ser um artista a solo e fazer isto tudo sozinho.

É stressante. Mete medo. Uma sensação que nunca desaparece. As raparigas gritam e tentam agarrar-nos. Muitas delas só gostam de nós porque temos uma carinha bonita. Mas enquanto estivermos aqui, nós os três, e pudermos fazer música, e viver esta vida — tocar a nossa música numa nova cidade todas as semanas, levar sorrisos a milhões de rostos, deixar a nossa marca no mundo —, está tudo bem, sem problemas.

O Rowan olha na minha direção e acena com a cabeça. Dá uma palmadinha nas costas do Lister. Pelo menos, não estou sozinho.